**Reconversão Econômica no município de São Paulo: Transformações no mercado de trabalho e redistribuição espacial da população (relatório de pesquisa)**

Lucia M. M. Bógus[1]
Rafael Soares Serrao[2]
Suzana Pasternak[3]
Luís Felipe Aires Magalhães[4]

***Introdução***

Este relatório de pesquisa objetiva elaborar reflexões e fornecer informações qualitativas e quantitativas sobre o processo de reconversão econômica em curso na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) nas últimas décadas, especialmente através da análise das transformações no mercado de trabalho. Utilizaremos como fontes de dados para esta reflexão a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), os Censos Demográficos (de 1940 a 2010), as estimativas populacionais de 2017, as informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), ambos do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e ainda a pesquisa Informações dos Municípios Paulistas, da Fundação SEADE. Nossa intenção é a de refletir teoricamente sobre como o processo de reconversão econômica, que ocorreu no município de São Paulo a partir dos anos 1970, e seus impactos no mercado de trabalho (população econômica ativa, população em idade ativa, pessoal ocupado formalmente segundo os setores de atividade econômica e taxa de desemprego) e na redistribuição populacional no Município de São Paulo, na Região Metropolitana de São Paulo e no próprio estado de São Paulo. A partir dessa reflexão buscaremos explicitar algumas das principais características da

[1] Socióloga, Professora Titular do Departamento de Sociologia da PUC-SP. Coordenadora do Observatório das Metrópoles de São Paulo.

[2] Educador sindical da Escola Sindical Sul da CUT, localizada em Florianópolis – SC. Pesquisador do Projeto Observatório das Metrópoles - Núcleo São Paulo, desenvolvido no Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

[3] Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo, doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela Penn Institute for Urban Resaerch. Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo.

[4] Doutor em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC – SP. Pesquisador no Observatório das Metrópoles de São Paulo (PUC – SP) e no Observatório das Migrações em São Paulo (Unicamp).

desconcentração populacional em curso, nesses contextos, desde as últimas décadas do século XX.

### *São Paulo: crescimento populacional e metropolização*

A Região Metropolitana de São Paulo é constituída pelo município de São Paulo e por outros 38 municípios[5] que se agrupam em torno da Capital do estado e são diretamente por ela polarizados, ainda que com distintas intensidades. Os 39 Municípios que formam a Região Metropolitana de São Paulo representam 3,24% do total do território do Estado, numa área de 8.051 km$^{2,}$ concentrando, em 2010, aproximadamente 48% da população de todo o Estado (em 2017, essa participação se reduziu para 47%).

A Tabela 1 apresenta dados sobre o crescimento populacional no município de São Paulo, na Região Metropolitana de São Paulo e no estado de São Paulo, bem como algumas proporções, indicativas de processos de concentração e desconcentração populacional.

**Tabela 1 – População total e relativa do Município de São Paulo e da Região Metropolitana de São Paulo (1940 a 2017).**

| ANO | MSP | RMSP | ESP | RMSP/ESP | MSP/RMSP | MSP/ESP |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **1940** | 1.326.261 | 1.568.045 | 7.180.316 | 21,8 | 84,6 | 18,5 |
| **1950** | 2.198.096 | 2.688.901 | 9.134.423 | 29,2 | 81,8 | 24,1 |
| **1960** | 3.781.446 | 4.791.245 | 12.823.806 | 37 | 78,9 | 29,5 |
| **1970** | 5.929.206 | 8.139.730 | 17.771.948 | 45,8 | 72,8 | 33,4 |
| **1980** | 8.493.226 | 12.588.745 | 24.953.238 | 50,3 | 67,5 | 34 |
| **1991** | 9.610.659 | 15.369.305 | 31.436.273 | 49,4 | 62,5 | 30,6 |
| **2000** | 10.435.546 | 17.878.703 | 37.032.403 | 48,3 | 58,4 | 28,2 |
| **2010** | 11.253.503 | 19.683.975 | 41.252.162 | 47,7 | 56,7 | 27,3 |
| **2017** | 12.106.920 | 21.390.624 | 45.094.624 | 47 | 57 | 27 |

Fonte: IBGE: Censos Demográficos de 1940 a 2010; Estimativas Populacionais de 2017. Elaboração: próprios os autores, 2017.

[5] Arujá, Barueri, Biritiba Mirim, Caieiras, Cajamar, Carapicuíba, Cotia, Diadema, Embu, Embu Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapecerica da Serra, Itapevi, Itaquaquecetuba, Jandira, Juquitiba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana do Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Lourenço da Serra, Suzano, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista.

Da tabela 1 podemos inferir i) a existência de um processo de concentração da população paulista na Região Metropolitana de São Paulo de 1940 a 1980 e sua descontração da década de 1980 em diante; ii) o mesmo acontece em relação à concentração da população paulista no município de São Paulo e ainda; iii) a existência de um processo de desconcentração da população da Região Metropolitana de São Paulo no município de São Paulo, processo esse em curso desde a década de 1940 e que apenas em 2017 sofre leve interrupção[6].

Refinando a análise da evolução populacional através das taxas geométricas de crescimento anual da população através da Tabela 2, conclui-se que o período de maior expansão da RMSP ocorreu entre as décadas de 1940 e 1960, período marcado por forte incremento de indústrias vinculado, principalmente, às rodovias recém-abertas e à forte migração interna que marcou aquelas décadas. Essa etapa foi marcada pelo surgimento de novas áreas de concentração industrial, elementos importantes para a constituição da estrutura urbana metropolitana.

**Tabela 2 – Taxas geométricas de crescimento anual da população (Município de São Paulo, Região Metropolitana de São Paulo e Estado de São Paulo, 1940 a 2017).**

| Período | Tx Cresc MSP | Tx Cresc RMSP | Tx Cresc ESP |
|---|---|---|---|
| 1940 - 1950 | 5,18 | 5,54 | 2,44 |
| 1950 - 1960 | 5,58 | 5,95 | 3,45 |
| 1960 - 1970 | 4,60 | 5,44 | 3,32 |
| 1970 - 1980 | 3,66 | 4,46 | 3,45 |
| 1980 - 1991 | 1,13 | 1,83 | 2,12 |
| 1991 - 2000 | 0,92 | 1,69 | 1,84 |
| 2000 - 2010 | 0,76 | 0,97 | 1,08 |
| 2010 - 2017 | 1,05 | 1,19 | 1,28 |

Fonte: IBGE: Censos Demográficos de 1940 a 2010; Estimativas Populacionais de 2017. Elaboração: próprios os autores, 2017.

Outra evidência importante é que, de 1940 a 2017, a Região Metropolitana de São Paulo apresentou sempre taxas geométricas de crescimento anual da população superiores à do município de São Paulo. Em comparação com o estado de São Paulo, suas taxas foram superiores de 1940-50 a 1970-80. Todavia, nos períodos de 1980-91, 1991-2000, 2000-2010 e 2010-2017 suas taxas foram inferiores às estaduais.

[6] Importante destacar que os dados relativos à 2017 são estimativas populacionais, calculadas pelo IBGE a partir de projeções, e podem, portanto, estar superestimados.

Como mostra a Tabela 2, a taxa de crescimento da população da Grande São Paulo apresentou tendência declinante nas últimas décadas: até 1980, as taxas de crescimento demográfico eram altas, acima de 4% ao ano; já entre 1980 e 1991, a taxa reduziu-se para 1,83, e esta redução continuou entre 1991 e 2000 (1,69%), atingindo 0,97% anuais entre 2000 e 2010. Entre 2010 e 2017, ela volta a crescer (1,19%).

Foi, no entanto, a partir dos anos 1960 que ocorreu o grande desenvolvimento da indústria automobilística, reforçando a concentração industrial ao longo da Via Anchieta nos municípios da região do ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano). Esse processo ampliou a extensão das áreas ocupadas pelos usos urbanos, uma vez que o crescimento da atividade industrial implicou o surgimento de vários tipos de serviços ligados tanto à indústria como ao comércio crescente. As taxas de crescimento populacional, apresentadas na Tabela 2, expressam a feição demográfica dessa dinâmica metropolitana, cuja expansão econômica atraiu migrantes de várias partes do país e do mundo. Apesar da forte redução dessas taxas nas últimas décadas, sobretudo no município de São Paulo, os municípios do entorno metropolitano continuam a apresentar taxas positivas, que ao lado das taxas observadas para o estado como um todo, expressam o dinamismo da região e de suas áreas de influência. Percebe-se, pela Tabela 3, que mesmo na década de 2000-2010, quando as taxas de crescimento demográfico diminuíram em todos os municípios metropolitanos, que 17 dos seus 39 municípios (44%) ainda mostraram razão de crescimento populacional superior a 1,5%. No período de 2010-2017, foram 21 municípios (53%) que apresentaram taxas de crescimento superiores a 1,5%.

Embora o peso das três metrópoles institucionalizadas do estado de São Paulo (São Paulo, Baixada Santista e Campinas) na população estadual tenha se mantido estável, em torno de 58%, as taxas de crescimento demográfico das outras duas metrópoles paulistas têm sido superiores à da Grande São Paulo: entre 2000 e 2010, Campinas e a Baixada Santista cresceram 1,81 % e 1,20% ao ano, respectivamente. O peso da Grande São Paulo na população estadual reduziu-se na última década de 48,28% para 47,72%, enquanto que os pesos de Campinas e da Baixada Santista subiram, respectivamente, de 6,31% e 3,39% em 2000 para 6,78% e 4,03% no ano 2010.

**Tabela 3 - Região Metropolitana de São Paulo: taxas geométricas de crescimento anual da População residente (1950 a 2017).**

| Municípios | 1950-1960 | 1960-1970 | 1970-1980 | 1980-1991 | 1991-2000 | 2000-2010 | 2010-2017 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Arujá | 4,18% | 5,24% | 6,05% | 7,33% | 5,16% | 2,91% | 1,72 |
| Barueri | 13,99% | 8,61% | 6,97% | 5,22% | 5,31% | 1,46% | 1,52 |
| Biritiba Mirim | 2,19% | 4,65% | 4,03% | 2,66% | 3,66% | 1,49% | 1,54 |
| Caieiras | 19,58% | 5,21% | 4,80% | 4,15% | 6,90% | 1,98% | 1,83 |
| Cajamar | 5,47% | 4,97% | 7,63% | 4,05% | 4,64% | 2,36% | 2,05 |
| Carapicuíba | 9,61% | 1,68% | 26,50% | 3,98% | 2,19% | 0,71% | 1,01 |
| Cotia | 1,65% | 7,96% | 7,23% | 5,08% | 3,70% | 3,04% | 2,42 |
| Diadema | 15,07% | 20,48% | 11,12% | 2,70% | 1,76% | 0,78% | 1,14 |
| Embu | 2,27% | 13,69% | 17,99% | 4,60% | 3,23% | 1,46% | 1,52 |
| Embu Guaçu | 2,27% | 8,02% | 7,29% | 5,15% | 5,13% | 1,00% | 1,21 |
| Ferraz de Vasconcelos | 12,29% | 9,57% | 7,97% | 5,28% | 4,46% | 1,69% | 1,66 |
| Francisco Morato | 22,93% | 15,96% | 9,59% | 10,46% | 5,32% | 1,46% | 1,60 |
| Franco da Rocha | 0,49% | 3,69% | 3,29% | 4,93% | 2,64% | 1,98% | 1,84 |
| Guararema | -0,74% | 5,20% | 1,67% | 1,61% | 2,23% | 1,67% | 1,65 |
| Guarulhos | 11,31% | 8,92% | 8,33% | 3,68% | 3,49% | 1,31% | 1,42 |
| Itapecerica da Serra | 3,63% | 7,99% | 9,00% | 4,07% | 3,75% | 1,63% | 1,63 |
| Itapevi | 9,82% | 8,50% | 6,70% | 6,71% | 4,64% | 2,15% | 1,93 |
| Itaquaquecetuba | 8,38% | 9,79% | 9,48% | 7,81% | 5,75% | 1,66% | 1,64 |
| Jandira | 3,33% | 19,83% | 11,07% | 5,24% | 4,33% | 1,68% | 1,65 |
| Juquitiba | 0,05% | 2,22% | 5,43% | 4,43% | 3,18% | 0,83% | 1,10 |
| Mairiporã | 3,18% | 4,35% | 3,37% | 3,49% | 4,65% | 3,02% | 2,40 |
| Mauá | 11,81% | 13,45% | 7,19% | 3,38% | 2,34% | 1,39% | 1,47 |
| Mogi das Cruzes | 6,19% | 3,99% | 3,50% | 3,02% | 2,13% | 1,60% | 1,62 |
| Osasco | 11,03% | 9,52% | 5,19% | 1,68% | 1,55% | 0,21% | 0,65 |
| Pirapora do Bom Jesus | 1,05% | 4,10% | 2,51% | 4,77% | 5,05% | 2,41% | 2,08 |
| Poá | 6,41% | 7,44% | 4,92% | 3,46% | 2,56% | 1,02% | 1,23 |
| Ribeirão Pires | 6,83% | 5,50% | 6,69% | 3,85% | 2,31% | 0,79% | 1,07 |
| Rio Grande da Serra | 6,83% | 7,62% | 9,14% | 3,74% | 2,42% | 1,74% | 1,68 |
| Salesópolis | 0,46% | 1,00% | 0,54% | 0,60% | 2,64% | 0,86% | 1,12 |
| Santa Isabel | 3,38% | 3,88% | 5,34% | 2,48% | 1,58% | 1,44% | 1,50 |
| Santana do Parnaíba | 1,80% | 0,39% | 18,14% | 2,46% | 7,89% | 3,82% | 2,79 |
| Santo André | 8,92% | 5,55% | 2,75% | 1,02% | 0,57% | 0,37% | 0,80 |
| São Bernardo do Campo | 12,71% | 9,41% | 7,66% | 2,68% | 2,42% | 0,85% | 1,12 |
| São Caetano do Sul | 6,70% | 2,81% | 0,78% | -0,80% | -0,72% | 0,65% | 0,96 |
| São Lourenço da Serra | - | 5,31% | 4,82% | 1,20% | 5,40% | 1,38% | 1,46 |
| São Paulo | 5,69% | 4,57% | 3,55% | 1,18% | 0,88% | 0,75% | 1,05 |
| Suzano | 9,28% | 7,48% | 6,06% | 4,26% | 4,13% | 1,39% | 1,47 |
| Taboão da Serra | - | 19,08% | 8,95% | 4,67% | 2,37% | 2,16% | 1,93 |
| Vargem Grande Paulista | - | - | - | - | 8,36% | 2,77% | 2,28 |
| **Total** | **6,17%** | **5,24%** | **4,40%** | **1,89%** | **1,63%** | **0,96%** | **1,19** |

Fonte: IBGE: Censos Demográficos de 1940 a 2010; Estimativas Populacionais de 2017. Elaboração: próprios os autores, 2017.

Assim como nas outras duas metrópoles, o crescimento da Grande São Paulo é maior na periferia que no núcleo (município de São Paulo): do incremento absoluto de 1.805.272 pessoas entre 2000 e 2010, 54,62% se alocaram nos municípios periféricos. A taxa de

crescimento do núcleo foi de 0,76% ao ano na década, enquanto que na periferia atingiu 1,25%. A população da metrópole de São Paulo ficou mais feminina (a razão de sexo em 2000 era de 93,04, passando a 92,03 no ano 2010), mais velha (o índice de envelhecimento mudou de 20,73 em 2000 para 32,48 idosos para cada 100 jovens em 2010, com proporção de pessoas com 65 anos e mais passando de 5,48% da população total para 7,12%), com menor percentual de crianças e adolescentes (a população de até 15 anos que era de 26,42% no ano 2000 passou para 21,93% em 2010).

Destaca-se, assim, a redução da parcela mais jovem e a elevação do segmento etário mais velho. Ao mesmo tempo, aumenta a expectativa de vida média, trazendo novos desafios para as políticas de saúde, previdência e mobilidade urbana, entre outras. Além de importante queda na mortalidade infantil, percebe-se redução forte na taxa de fecundidade feminina e no número de pessoas por domicílio, com impactos na demanda de provisão de moradias. O perfil demográfico da população metropolitana está, portanto, em forte mutação.

O mesmo movimento é verificado em relação ao Município de São Paulo (MSP), que desde 1970, vem perdendo importância no número de trabalhadores da Região Metropolitana de São Paulo e, desde 1980, passou a pesar menos quando comparado ao Estado. O núcleo central da metrópole, município de São Paulo, viu suas taxas de crescimento populacional declinarem desde a década de 1960 (Tabela 2). O incremento de 817.924 habitantes, entre 2000 e 2010, representou para o município uma taxa de apenas 0,76% ao ano. Mesmo assim, nele residem mais de 11 milhões de moradores, constituindo-se no município mais populoso do Brasil. Além disso, constatam-se mudanças na dinâmica intra–urbana do município central, onde o centro histórico retoma em parte o ritmo de crescimento, embora o chamado anel periférico ainda responda por 48% do total populacional em 2010.

**Tabela 4 – População residente por anéis do Município de São Paulo (1960 a 2017).**

| Anel | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 | 2010 | 2017 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Central** | 319117 | 341752 | 426283 | 384048 | 318599 | 360266 | 375790 |
| **Interior** | 684762 | 689930 | 781578 | 686610 | 583956 | 648269 | 681927 |
| **Intermediário** | 1022152 | 1346527 | 1529230 | 1413723 | 1316367 | 1426682 | 1465705 |
| **Exterior** | 1280277 | 2191068 | 2983114 | 3265900 | 3304779 | 3414917 | 3471517 |
| **Periférico** | 407557 | 1359929 | 2773021 | 3860378 | 4911845 | 5403336 | 5709902 |
| **Total** | 3713865 | 5929206 | 8493226 | 9610659 | 10435546 | 11253470 | 11704841 |

Fonte: IBGE: Censos Demográficos de 1940 a 2010; Estimativas Populacionais de 2017. Elaboração: próprios os autores, 2017.

O censo de 2010 mostrou uma inversão da tendência intra urbana que se observava desde 1980: seu crescimento era essencialmente periférico, com perda de moradores nos anéis mais centrais (perda parcialmente revertida em 2017). Até o ano 2000, o processo de periferização dentro do tecido urbano municipal acompanhava o seu transbordamento para os municípios vizinhos.

Através da Tabela 5, pode-se notar que as taxas de crescimento populacional nos anéis centrais, interior e intermediários foram negativas desde 1980, mostrando o esvaziamento do centro municipal.

**Tabela 5 - Taxas geométricas de crescimento populacional por anel do Município de São Paulo (1960 a 2017).**

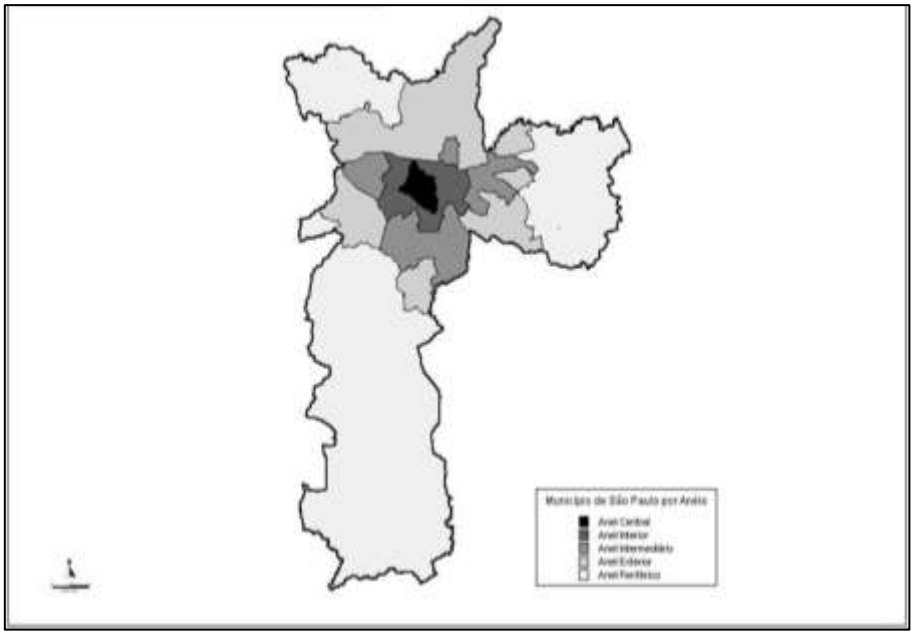
| Anel | 1960-70 | 1970-80 | 1980-91 | 1991-00 | 2000-10 | 2010-17 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Central | 0,69 | 2,23 | -0,94 | -2,05 | 1,24 | 0,60 |
| Interior | 0,08 | 1,26 | -1,17 | -1,78 | 1,05 | 0,73 |
| Intermediário | 2,79 | 1,28 | -0,71 | -0,79 | 0,81 | 0,39 |
| Exterior | 5,52 | 3,13 | 0,83 | 0,13 | 0,33 | 0,24 |
| Periférico | 12,81 | 7,39 | 3,05 | 2,71 | 0,96 | 0,79 |
| Total | 4,79 | 3,66 | 1,13 | 0,92 | 0,76 | 0,56 |

Fonte: IBGE: Censos Demográficos de 1940 a 2010; Estimativas Populacionais de 2017. Elaboração: próprios os autores, 2017.

O peso do crescimento do anel periférico, que já década de 1960 era de 43% do incremento municipal, nos anos 70 cresceu para 55%, e nos anos 80 representou 97% do incremento paulistano. Entre 1980 e 1991 o crescimento de São Paulo foi quase que exclusivamente periférico; nos anéis centrais registrou-se uma perda populacional de mais de 250 mil residentes, que aumentou para 265 mil nos anos 90. Esta situação mudou na primeira década do século XXI, quando os 3 anéis centrais ganharam 216 mil residentes. Este ganho foi menor que nos dois anéis mais periféricos, onde o ganho populacional foi superior a 600 mil habitantes. De qualquer modo, ocorreu uma inversão da tendência observada nos últimos 20 anos.

Para melhor visualização destas transformações no território do município de São Paulo, apresentamos abaixo mapa da cidade segundo os seus anéis.

**Mapa 1 – Divisão do Município de São Paulo segundo anéis.**




Fonte: IBGE: Censos Demográficos de 1940 a 2010; Estimativas Populacionais de 2017. Elaboração: próprios os autores, 2017.

A análise da composição populacional do município de São Paulo aponta uma população com razão de sexo de 89,94 homens para cada 100 mulheres e um índice de envelhecimento de 39,16 idosos para cada 100 jovens entre 0 e 15 anos. A população paulistana tornou-se mais feminina e mais idosa: no ano 2000 a razão de sexo foi de 92,26 homens para cada 100 mulheres e o índice de envelhecimento de 26,12.

Esta composição por idade e sexo varia bastante por anel, conforme se pode observar nas pirâmides abaixo: os anéis central, interior e intermediário tem população jovem extremamente reduzida, de 12,07%, 13,40% e 15,76% do total, respectivamente, enquanto que nos anéis exterior e periférico a população com até 15 anos de idade atinge 19,61% e 24,28%, respectivamente. Ou seja, no anel periférico, uma em cada quatro pessoas tem menos de 15 anos de idade, indicando processos de transição demográfica (particularmente a diminuição da fecundidade) mais tardios. Chama a atenção que no anel interior, onde se concentra a população com renda mais alta, a razão de sexo seja a menor, de 84 homens para cada 100 mulheres, e o índice de envelhecimento mostre 103,23 idosos para cada 100 jovens até 15 anos. O anel central de São Paulo também mostra uma população feminina e envelhecida: a razão de sexo é de 89 mulheres para cada 100 homens e o índice de envelhecimento de 98,0.

De outro lado, os jovens residem no anel periférico: neste anel a população com até 15 anos atinge 24,28% do total, resultando num índice de envelhecimento de 22,05. A razão de sexo é a maior entre os anéis: 92,37 homens para cada 100 mulheres.

Tanto o menor peso relativo da metrópole em relação à população estadual, como a perda do peso populacional da capital em relação à metrópole, originam-se no fato do país ter passado, no transcorrer das últimas décadas, por um processo de interiorização da economia, fenômeno este mais intenso no setor industrial. Essa interiorização, face mais visível do processo de desconcentração econômica e produtiva, condicionou também o processo de redistribuição espacial da população não apenas no estado de São Paulo como em todo o Brasil de uma forma geral (CANO, 2007).

O crescimento e a diversificação das atividades econômicas foram acompanhadas, ao longo da história recente da industrialização, pela elevada taxa de urbanização da população - hoje da ordem de 98% - e pela extensão da área urbanizada. A metrópole não estava preparada para muitas dessas transformações e para os problemas de aglomeração a elas relacionados, com a ampliação das atividades ligadas aos setores de comércio e serviços. Tal dinamismo, apesar dos problemas gerados, transformou a região em polo nacional, com oferta de emprego superior às demais regiões do estado e do país.

Os anos 1980 inauguraram uma nova etapa nesse quadro de mudanças com a inclusão do país na era da globalização, cujos efeitos são muitas vezes perversos. Nesse contexto, a desconcentração tanto das atividades industriais, como da população – já iniciada na década de 1970 – ocorreu fortemente associada à reestruturação das atividades econômicas e ao grande incremento das atividades terciárias. Isto é, associada à emergência de um novo padrão de acumulação de capital, pautado no incremento do trabalho no setor terciário, na expansão do setor financeiro e em formas terceirizadas de trabalho.

A reestruturação produtiva acarretou, por seu lado, uma crescente precarização das relações de trabalho, dado que a flexibilização da produção foi acompanhada, em muitos casos, pela terceirização da produção e dos serviços, resultando no surgimento dos chamados setores informais modernos (Dedecca e Baltar, 1997). A flexibilização provocou ainda, especialmente na região metropolitana de São Paulo, a contratação da mão-de-obra na condição de trabalhadores autônomos, sem carteira de trabalho assinada, ou via empresas terceirizadas, produzindo alterações na estrutura de empregos em diferentes setores de atividade econômica,

reduzindo empregos industriais e impulsionando o crescimento dos empregos no terciário (DIEESE, 2001).

Montali (2009) ilustra bem essa situação quando afirma que

> "o conjunto dos empregos do setor serviços, incluindo-se nestes tanto os empregos do comércio, como dos serviços, representam 56% dos postos de trabalho em 1989, 62% em 1991, 67,4% em 1997 e cerca de 69% em 2000 e 2003. Ao mesmo tempo, o emprego industrial passou de 33% da força de trabalho ocupada em 1989 e 28,7% em 1991, para 21% em 1997 e cerca de 20% em 2000 e 2003 (MONTALI, 2009, p. 179)".

Cabe, ainda, assinalar que a redução do emprego industrial e o aumento do emprego em serviços não representou apenas uma "migração" de trabalhadores entre os setores, mas implicou em uma alteração na qualidade do emprego e na composição geral do mercado de trabalho. O emprego com registro em carteira de trabalho que é predominante na indústria vai sendo gradualmente substituído por ocupações autônomas ou temporárias, caracterizadas por vínculos contratuais precários e por maior instabilidade no emprego. Isso trará repercussões decisivas sobre qual tipo de trabalhador será atraído para o trabalho na capital paulista, isto é, sobre os fluxos imigratórios na cidade.

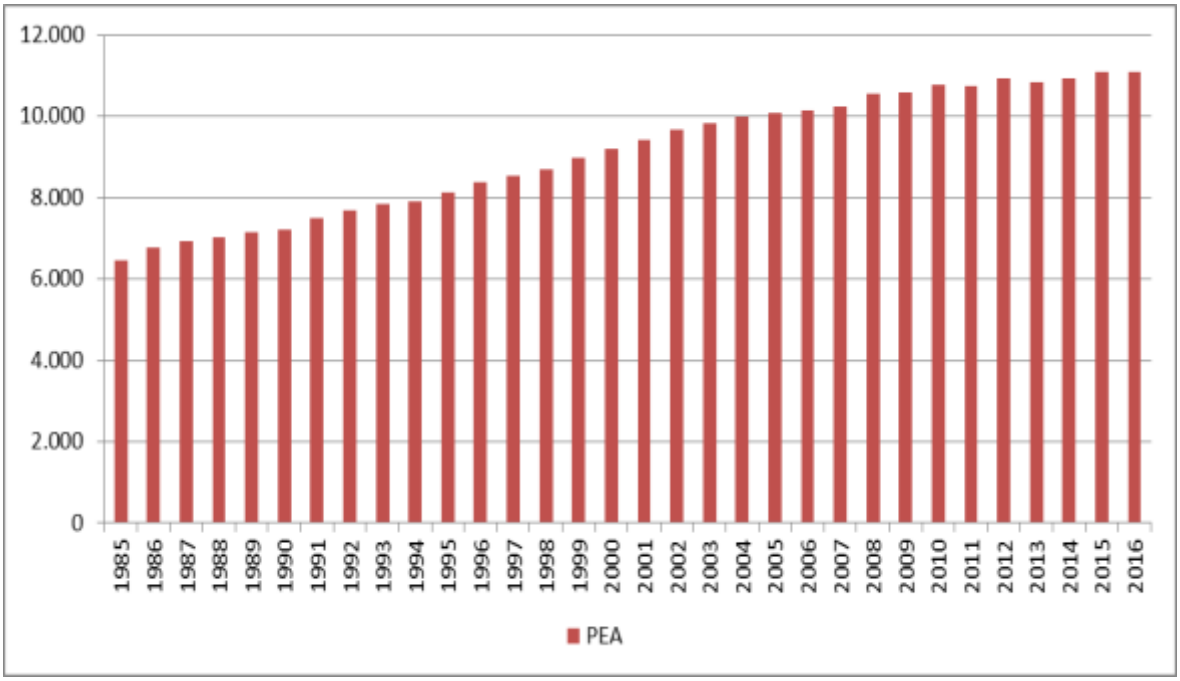
Considerando-se a localização espacial dos empregos na região metropolitana de São Paulo, os municípios da região do ABC, que concentraram, na segunda metade do século XX, as maiores proporções de trabalhadores ocupados no setor industrial, apresentaram a redução mais acentuada no período considerado. Mas as proporções mais baixas de trabalhadores ocupados na indústria foram encontradas no município de São Paulo onde, em 1985, pouco menos que um terço dos ocupados estavam inseridos em atividades industriais (Bógus e Serrao, 2012).

***Caracterização do mercado de trabalho da RMSP***

Outro dado que atesta a dimensão da economia metropolitana é o comportamento da População Economicamente Ativa (PEA). Segundo dados da PED-DIEESE/SEADE (Pesquisa de Emprego e Desemprego desenvolvida pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos e a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados),

entre 1985 e 2014 a PEA passou de 6,4 milhões para 11,1 milhões de pessoas, o que representa expansão de 71,7%, de 1,75% ao ano.

**Gráfico 1 - Evolução da População em Economicamente Ativa (em mil pessoas) da Região Metropolitana de São Paulo (1985 a 2016).**




Fonte: PED DIEESE/SEADE. Elaboração: próprios autores.

A evolução da população economicamente ativa na Região Metropolitana de São Paulo apresentada no Gráfico 1 indica a existência de dois períodos: um período entre 1985 e 2004, e outro de 2005 em diante. O primeiro período é caracterizado por crescimento progressivo da PEA, sem nenhuma interrupção na tendência de expansão. O segundo período é caracterizado também por expansão, mas de forma mais instável, com inclusive diminuições temporárias do volume da PEA, como ocorre nos anos de 2011 e 2013.

A Tabela 6 anos apresenta a evolução nos últimos 31 anos (1985 – 2016) da PEA, da PIA, da ocupação formal e da taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

Comparativamente, é possível concluir que a População em Idade Ativa cresce neste mesmo período menos que a PEA (65,9%), com taxas de crescimento anuais também menores (1,64%).

Menos ainda cresce a população ocupada formalmente (62,7%), a taxas de crescimento anuais ainda menores (1,58%). Em outras palavras, a população formalmente ocupada na RMSP cresce, em termos absolutos e anuais, a taxas inferiores às do crescimento da PEA e da PIA.

**Tabela 6 - População economicamente ativa, população em idade ativa, população ocupada e taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo (1985 a 2016).**

| ANO | PEA | PIA | Ocupados | Taxa de Desemprego (%) |
|---|---|---|---|---|
| **1985** | 6.466 | 10.723 | 5.677 | 12,2 |
| **1986** | 6.788 | 10.966 | 6.136 | 9,6 |
| **1987** | 6.918 | 11.213 | 6.282 | 9,2 |
| **1988** | 7.039 | 11.464 | 6.356 | 9,7 |
| **1989** | 7.162 | 11.721 | 6.539 | 8,7 |
| **1990** | 7.213 | 11.981 | 6.470 | 10,3 |
| **1991** | 7.507 | 12.247 | 6.629 | 11,7 |
| **1992** | 7.686 | 12.497 | 6.518 | 15,2 |
| **1993** | 7.831 | 12.754 | 6.688 | 14,6 |
| **1994** | 7.904 | 13.021 | 6.782 | 14,2 |
| **1995** | 8.121 | 13.291 | 7.049 | 13,2 |
| **1996** | 8.382 | 13.563 | 7.116 | 15,1 |
| **1997** | 8.542 | 13.845 | 7.175 | 16 |
| **1998** | 8.711 | 14.142 | 7.126 | 18,2 |
| **1999** | 8.985 | 14.445 | 7.251 | 19,3 |
| **2000** | 9.214 | 14.742 | 7.592 | 17,6 |
| **2001** | 9.426 | 14.986 | 7.767 | 17,6 |
| **2002** | 9.662 | 15.215 | 7.826 | 19 |
| **2003** | 9.820 | 15.440 | 7.866 | 19,9 |
| **2004** | 9.994 | 15.664 | 8.125 | 18,7 |
| **2005** | 10.089 | 15.888 | 8.384 | 16,9 |
| **2006** | 10.132 | 16.108 | 8.531 | 15,8 |
| **2007** | 10.250 | 16.322 | 8.733 | 14,8 |
| **2008** | 10.549 | 16.534 | 9.135 | 13,4 |
| **2009** | 10.584 | 16.747 | 9.123 | 13,8 |
| **2010** | 10.772 | 16.964 | 9.490 | 11,9 |
| **2011** | 10.758 | 17.104 | 9.628 | 10,5 |
| **2012** | 10.933 | 17.245 | 9.741 | 10,9 |
| **2013** | 10.850 | 17.388 | 9.722 | 10,4 |
| **2014** | 10.940 | 17.532 | 9.758 | 10,8 |
| **2015** | 11.084 | 17.678 | 9.621 | 13,2 |
| **2016** | 11.102 | 17.792 | 9.237 | 16,8 |

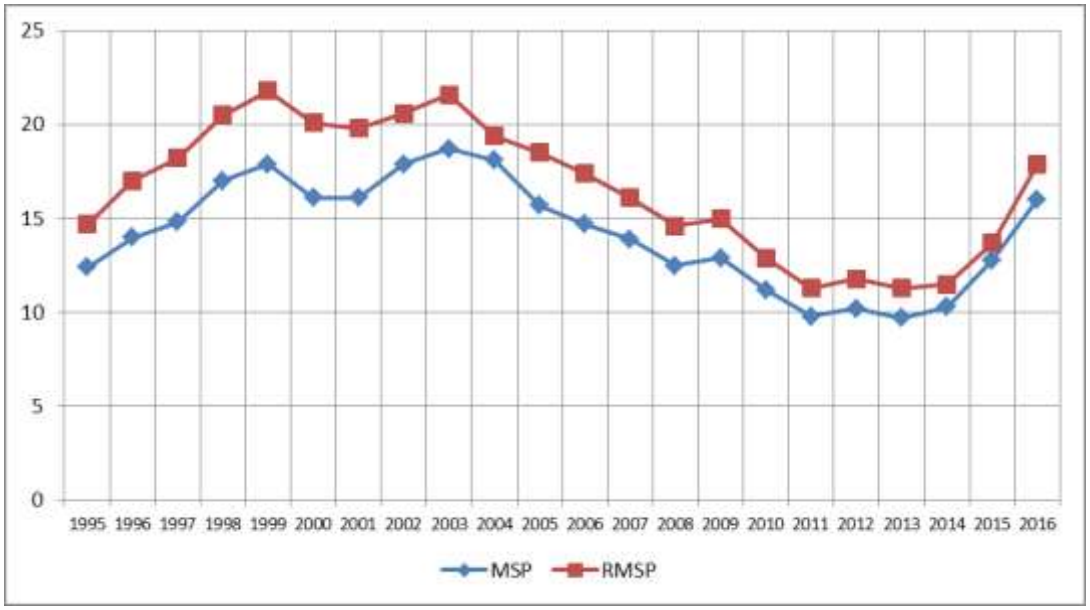
Fonte: PED DIEESE/SEADE, 2000 a 2016. Elaboração: próprios autores.

Muitos estudiosos acreditam que o desemprego seria mais elevado se a PEA mantivesse seu crescimento e a PIA crescesse a mais de 1,5%, como o fazia historicamente. A queda mais pronunciada da taxa de participação ocorreu entre jovens de 18 a 24 anos. Como hipótese otimista, uma explicação poderia ser a maior dedicação aos estudos. Mas houve aumento da proporção de jovens que não trabalha nem estuda. Há também quem associe a menor procura

de emprego pelos jovens a um aumento da rede de proteção social (através do benefício Bolsa Família, por exemplo) e à expansão do aceso ao ensino superior, que desestimularia a procura de trabalho, ou mesmo ao aumento real da renda do trabalho dos chefes de família mais pobres, que retirou a urgência dos jovens de um emprego remunerado.

A trajetória da taxa de desemprego do conjunto dos 39 municípios da RMSP ilustra claramente os períodos distintos pelos quais passou a economia do país a partir da década de 1980. Entre 2003 e 2013, a taxa de desemprego, tanto no município de São Paulo como na Região Metropolitana de São Paulo apresentam tendência de queda persistente, reduzindo-se do patamar de 18,7% para 9,7% no município de São Paulo e de 21,6% para 11,3% na Região Metropolitana de São Paulo. Essa diminuição se dá em consonância com a melhora dos indicadores macroeconômicos brasileiros. Mas em 2014, no entanto, a taxa de desemprego reverte a tendência de queda, mas é em 2015 e 2016 em que a elevação do desemprego se dá de forma mais intensa.

**Gráfico 2 - Evolução da taxa de desemprego da Região Metropolitana de São Paulo (1995 a 2016).**




Fonte: PED DIEESE/SEADE, 1985 a 2014. Elaboração: próprios autores.

Em 2013 – segundo dados do IBGE – o total de ocupados no Brasil era de aproximadamente 96 milhões de pessoas, divididos entre os mercados formal e informal. Deste total, 48 milhões (50%) são trabalhadores formais, isto é, com registro de trabalho e cobertura previdenciária oficial, enquanto os demais ou estão na informalidade ou são patrões. Em 2014, esse número já era de 49 milhões de trabalhadores formais, conforme é possível visualizar na Tabela 7.

**Tabela 7 - Número de trabalhadores formais segundo sexo e região (2000 e 2014).**

| Região | 2000 | | | 2014 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Masculino** | **Feminino** | **Total** | **Masculino** | **Feminino** | **Total** |
| Brasil | 15.982.983 | 10.245.646 | 26.228.629 | 28.286.809 | 21.369.846 | 49.656.655 |
| Estado São Paulo | 4.994.897 | 3.054.635 | 8.049.532 | 8.002.799 | 6.196.167 | 14.198.966 |
| RMSP | 2.744.727 | 1.886.082 | 4.630.809 | 4.276.052 | 3.500.467 | 7.776.519 |
| Participação RMSP/Brasil | 17,2 | 18,4 | 17,7 | 15,1 | 16,4 | 15,7 |
| Participação RMSP/Estado São Paulo | 55,0 | 61,7 | 57,5 | 53,4 | 56,5 | 54,8 |

Fonte: RAIS/MTE, 2000 e 2013. CAGED/MTE, nov/14.Elaboração: próprios autores.

Informações mais recentes do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), para o ano de 2014, mostram que do total dos ocupados na RMSP estima-se que pouco mais de 7,7 milhões de trabalhadores estão inseridos no mercado de trabalho formal. Este número representa 54,8% do total do Estado de São Paulo e 15,7% do total do Brasil, confirmando o peso importante da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) no mercado de trabalho nacional.

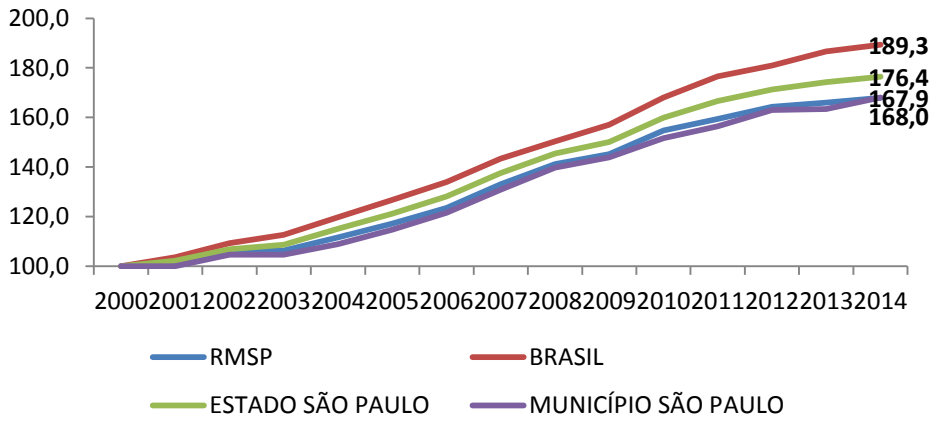
Observa-se, entretanto, que entre os anos de 2000 e 2014, a RMSP perdeu participação nos dois cenários, já que respondia por 57,5% do Estado de São Paulo e 17,7% do Brasil no primeiro ano da década. Este movimento é resultado da acentuação do processo de desconcentração econômica vivido pelo país desde anos 70, tal como comentado anteriormente.

Outro ponto que merece destaque e que é apresentado na tabela 7 é a participação feminina no emprego formal. No período analisado a participação das mulheres na RMSP passou de 40,7% em 2000 para 43,6% em 2014, um crescimento, porém, ainda em ritmo inferior ao Brasil e ao Estado de São Paulo.

Nos últimos 15 anos, o emprego formal evoluiu significativamente e se distribuiu de maneira mais homogênea pelo território nacional, minimizando as grandes diferenças regionais. Assim, enquanto no Brasil como um todo, o número de trabalhadores formais cresceu 89,3%, em regiões onde o emprego formal historicamente apresentava maior participação o

crescimento foi inferior: 76,4% no estado de São Paulo, 67,9% na RMSP e 68,0% na cidade de São Paulo, município polo da região metropolitana.

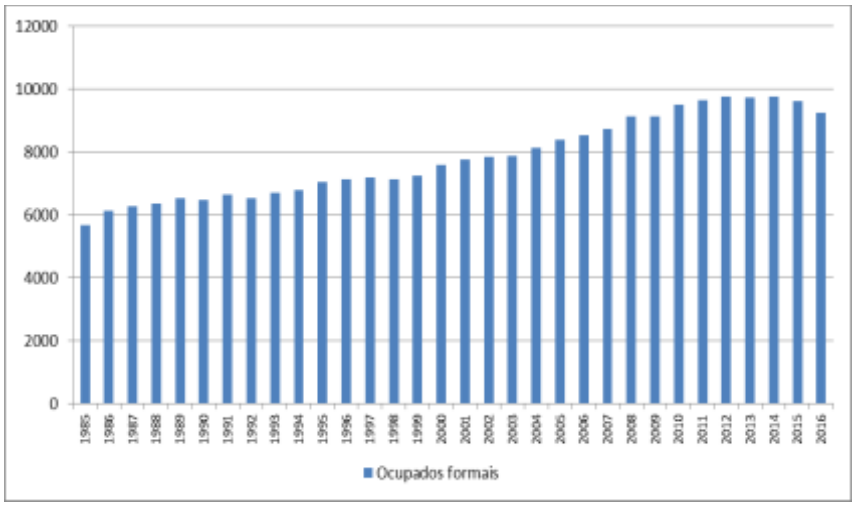
**Gráfico 3 - Evolução do número de ocupados formais segundo região (2000 = 100; 2000 a 2014).**




Fonte: RAIS/MTE, 2000 e 2013. CAGED/MTE, nov/14. Elaboração: próprios autores.

Em termos absolutos, o número de trabalhadores com vínculo formal na RMSP passou de 4,6 milhões, em 2000, para 7,7 milhões, em 2014. Destaca-se o fato de entre 2000 e 2008 o crescimento ter sido mais expressivo e, posteriormente, ter apresentado ritmo bem inferior, em especial após a crise econômica mundial iniciada em 2008.

**Gráfico 4 - Evolução do número de ocupados formais da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP, 2000 a 2014).**

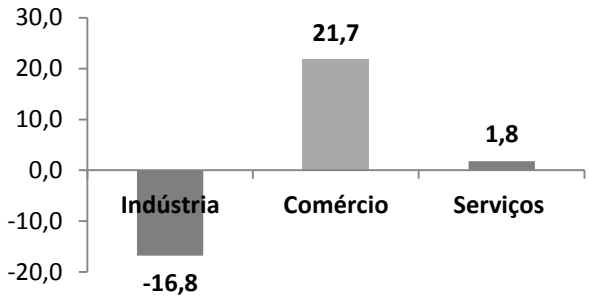



Fonte: RAIS/MTE, 2000 e 2013. CAGED/MTE, nov/14. Elaboração: próprios autores.

A distribuição segundo grandes setores econômicos mostra algumas mudanças importantes no padrão do emprego metropolitano. Ainda como reflexo de dois processos atuais muito relevantes para a sociedade brasileira – a reestruturação produtiva da indústria iniciada na década de 90 e o processo atual de dissolução da indústria nacional – o emprego no setor secundário da economia perde força.

Em termos absolutos o setor industrial não é o principal empregador há décadas (são 1,6 milhão de ocupados, contra 1,4 milhão no comércio e 4,7 milhões nos serviços) e, nos últimos anos, o número total de ocupados no setor recuou 16,8%, frente crescimento de 21,7% no comércio e 1,8% nos serviços.

**Gráfico 5 - Variação no número de ocupados formais segundo setor econômico na Região Metropolitana de São Paulo (2000 a 2014).**




Fonte: RAIS/MTE, 2000 e 2013. CAGED/MTE, nov/14. Elaboração: próprios autores.

A "migração" do emprego industrial para os demais setores fica ainda mais evidente quando se analisa a distribuição dos trabalhadores segundo atividade econômica. Em quatro dos cinco municípios que mais empregam na RMSP (São Paulo, Guarulhos, Barueri, Santo André) as atividades econômicas com maior peso no emprego são do setor de serviços, com destaque para: administração pública em geral, atividades de tele atendimento, transporte rodoviário de cargas e serviços de limpeza em prédios e domicílios.

No município de São Paulo, a atividade econômica que concentra mais trabalhadores formais é a administração pública em geral (8,36%), seguida de atividades de atendimento hospitalar (4,37%). Isso revela o perfil da cidade de São Paulo enquanto espaço econômico em que se concentram serviços de atendimento ao público.

No município de Guarulhos, predominam como atividades econômicas o transporte rodoviário de carga (6,52%) e a administração pública em geral (6,52%).

Em São Bernardo do Campo, polo industrial da RMSP e "berço" da indústria automobilística nacional, é uma exceção dentro os municípios que mais empregam. A fabricação de automóveis, camionetas e utilitários (5,55%) e a fabricação de automóveis e ônibus (3,97%) continuam sendo as atividades que concentram a maioria dos trabalhadores formalizados do município, apesar de a retração no número de trabalhadores da indústria também ter atingido esta localidade.

Barueri, por sua vez, tem como principal atividade econômica a limpeza em prédios e em domicílios (7,05%) e a administração pública em geral (4,66%). Cabe destacar que Barueri é uma cidade que concentra atualmente condomínios fechados de alta renda, que articulam em seu entorno a formação de regiões fornecedoras de mão-de-obra para o trabalho nesses condomínios.

Em Santo André, predomina o setor da administração pública em geral (4,37%) e as atividades de atenção à saúde humana não especificadas anteriormente (3,21%).

**Tabela 8 - Atividades que mais empregam em municípios da Região Metropolitana de São Paulo com maior número de trabalhadores formais (2015)**

| Município | Atividade Econômica | Nº Trabalhadores | % no interior do município |
|---|---|---|---|
| São Paulo | Total | 5848294 | 100 |
| | Administração pública em geral | 488908 | 8,36 |
| | Atividades de atendimento hospitalar | 255381 | 4,37 |
| | Restaurantes e outros estab. de serviços de alimentação e bebidas | 202830 | 3,47 |
| | Atividades de tele atendimento | 111617 | 1,91 |
| | Atividades de vigilância e segurança privada | 123468 | 2,11 |
| Guarulhos | Total | 383344 | 100 |
| | Transporte rodoviário de carga | 24980 | 6,52 |
| | Administração pública em geral | 24994 | 6,52 |
| | Com. var. de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios | 13826 | 3,61 |
| | Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas | 11279 | 2,94 |
| | Atividades de atendimento hospitalar | 5658 | 1,48 |
| São Bernardo do Campo | Total | 307986 | 100 |
| | Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários | 17104 | 5,55 |
| | Fabricação de caminhões e ônibus | 12226 | 3,97 |
| | Administração pública em geral | 16763 | 5,44 |
| | Transporte rodoviário de carga | 12955 | 4,21 |
| | Atividades de tele atendimento | 5751 | 1,87 |
| Barueri | Total | 288912 | 100 |
| | Limpeza em prédios e em domicílios | 20371 | 7,05 |
| | Administração pública em geral | 13459 | 4,66 |
| | Ativ. de serv. prestados sobretudo às empresas não especificadas anteriormente | 7091 | 2,45 |
| | Transporte rodoviário de carga | 6967 | 2,41 |
| | Atividades de tele atendimento | 9132 | 3,16 |
| Santo André | Total | 242095 | 100 |
| | Administração pública em geral | 10570 | 4,37 |
| | Atividades de atenção à saúde humana não especificadas anteriormente | 7768 | 3,21 |
| | Limpeza em prédios e em domicílios | 4107 | 1,33 |
| | Atividades de atendimento hospitalar | 6662 | 2,75 |
| | Fornecimento e gestão de recursos humanos para terceiros | 1693 | 0,7 |

Fonte: RAIS/MTE, 2015. Elaboração: próprios autores.

*Considerações Finais*

A título de considerações finais devemos destacar um conjunto de informações que ilustram as mudanças pelas quais o mercado de trabalho metropolitano passou nos últimos anos, principalmente até o ano de 2016, como veremos a seguir.

O período analisado e as mudanças ocorridas indicam a forte incidência da crise econômica sobre o mercado de trabalho, especialmente após 2014. A melhoria nos indicadores do mercado de trabalho acompanha de uma forma geral a melhoria dos indicadores sociais e econômicos durante a primeira década do século XXI. Como reflexo da geração de empregos, as taxas de desemprego, conforme apresentado anteriormente, apresentaram trajetória sólida de diminuição após 2003, atingindo patamares muito próximos do verificados na década de 1980: entre 2000 e 2013 a redução foi da ordem de 40,9%. Mas essa trajetória é interrompida precisamente em 2014, quando volta a crescer o desemprego.

Antes disso, porém, a população economicamente ativa da RMSP cresceu 1,54% entre 2000 e 2010 e 1,00% nos 4 anos subsequentes, atingindo praticamente 11 milhões de pessoas em 2014, por outro lado, o contingente de trabalhadores formalizados foi ampliado em ritmo superior, atingindo taxa de crescimento anual de 4,46% entre 2000 e 2010 e 2,05% entre 2000 e 2014. O Quadro 1 detalha estes indicadores.

**Quadro 1 - Informações selecionadas da Região Metropolitana de São Paulo (2000 e 2013/2014).**

| Indicador | 2000 | 2013 | 2014 | Variação |
|---|---|---|---|---|
| População Economicamente Ativa (em mil pessoas) | 9.214 | - | 10.917 | 18,5 |
| Número de ocupados no mercado formal (em mil pessoas)* | 4.630 | - | 7.776 | 67,9 |
| Taxa de desemprego (em %) | 17,6 | 10,4 | - | -40,9 |
| Participação da indústria no emprego da RMSP (em %) | 25,3 | - | 21,1 | -16,8 |

Fonte: RAIS/MTE, 2000 e 2013. CAGED/MTE, nov/14. PED DIEESE/SEADE, 1985 a 2014. Elaboração: próprios autores. Nota: * atualizado segundo o INPC-IBGE (Índice Nacional de Preços ao Consumidor).

Os dados apresentados sobre as transformações no mercado de trabalho no município de São Paulo e na Região Metropolitana de São Paulo indicam a vigência desde as últimas décadas do século XX de um processo de reconversão econômica, que altera a natureza econômica na região, a composição dos empregos e a morfologia urbana, com redefinições importante nas dinâmicas de mobilidade intra urbana. Sobre isso, o primeiro dado que merece reflexão é a diminuição da participação do emprego industrial no total dos ocupados da RMSP. Como já dito ao longo do texto, há uma tendência no Brasil de diminuição do peso da indústria nos indicadores econômicos nacionais e, como um dos resultados deste fenômeno, o emprego industrial perde importância. Emprego este que, no caso brasileiro, está sujeito às leis trabalhistas e às normas complementares que estabelecem a relação entre o emprego e o sistema de proteção social.

Somado a isso, não se pode deixar de mencionar que o país dá sinais de regressão econômica, ao menos após o último semestre de 2014. Além da crise mundial não ser algo superado, ainda trazendo grandes dificuldades comerciais ao Brasil, a política de valorização do mercado interno mostra persistentes sintomas de esgotamento.

No caso da Região Metropolitana de São Paulo, a PED-DIEESE/SEADE do ano de 2014 traz algumas constatações mais detalhadas, confirmando o cenário de deterioração apontado no nível nacional precisamente a partir daquele ano:

- A taxa de desemprego voltou aos patamares de 2012, atingindo a marca de 10,8%;

- Entre 2013 e 2014 o número de desempregados cresceu 4,8% na metrópole, saltando de 1,12 milhão para 1,18 milhão;

- A indústria da transformação reduziu seu número de empregados em 2%, sendo que no segmento de fabricação de automóveis, motocicletas, caminhões e ônibus, a redução foi de 5,7%;

- Enquanto a remuneração média permaneceu estável, a indústria da transformação, que paga um dos maiores salários, apresentou diminuição de 2,5% (em termos reais);

Baltar e Krein (2013), ao comentarem as repercussões negativas na força de trabalho - causadas pela inserção do Brasil no competitivo mundo globalizado – afirmam que a produção industrial:

> "(...) foi especialmente prejudicada e sua interrelação com a prestação de serviços é fundamental para a geração de empregos de melhor qualificação e renda. A escassa criação desses empregos foi um aspecto importante do agravamento das consequências deletérias gerais das novas formas de organização da produção sobre os trabalhadores. As novas formas de organização da produção dificultaram a construção de empregos de nível de renda intermediário e também fizeram proliferar os empregos de baixo nível de renda" (BALTAR e KREIN, 2013, p. XXXX)

Confirmada a tendência de encolhimento do emprego formal, e de resultados negativos no setor industrial, certamente os indicadores de desigualdade e de distribuição de renda da Região Metropolitana de São Paulo serão impactados, uma vez que a indústria, em poucos anos, poderá perder em número de ocupados para o comércio e o setor de serviços. Em linhas gerias, a RMSP está em vias de perder aquilo que a fez ser diferente, isto é, o emprego de melhor qualidade, em setores que garantem melhor remuneração, maior segurança no emprego e garantias avançadas conquistas pelo movimento sindical da região.

## *Referências Bibliográficas*


ARAUJO, M. Fátima (1992). "Uma nova centralidade da Região Metropolitana de São Paulo". *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação SEADE, 6(3):55-59.

BALTAR, P. E. ANDRADE (2003). "Estrutura econômica e emprego urbano na década de 90". In: PRONI, M. W. e Henrique, W. (orgs), *Trabalho mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90.* São Paulo/Campinas: Ed. UNESP/Instituto de Economia da UNICAMP, 107-152.

BALTAR, P. E. ANDRADE e KREIN, J. D. (2013). "A retomada do desenvolvimento e a regulação do mercado do trabalho no Brasil". *Cadernos CRH* vol. 26 nº 68. Salvador, mai/ago 2013, 273-292

BOGUS, Lucia M. M. e MONTALI, L.T. (1994). "A Reestruturação Metropolitana de SãoPaulo". *Revista Margem***.** São Paulo, EDUC/Faculdade de Ciências Sociais da PUC – São Paulo. 1994, vol. 03, p. 125-144.

BOGUS, Lucia M. M. e PASTERNAK, Suzana (2009). *Como Anda São Paulo*. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora: Observatório das Metrópoles, especialmente Introdução, p. 1-9.

BOGUS, Lucia M. M. e SERRAO, Rafael S. (2011). "Transformações econômicas e tendências recentes no mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo". In: Eliane Hojaij Gouveia; Ronaldo Baltar;Teresinha Bernardo. (Org.). *Ciências Sociais na atualidade: temáticas contemporâneas*. São Paulo: EDUC/CAPES, 2011, v. 1, p. 127-157.

CANO, Wilson e SEMEGHINI, Ulisses C. (1991). "Setor Terciário no Brasil: algumas reflexões sobre o período 1970/1989". *Anais do IV Encontro Nacional da ANPUR*, Salvador, ANPUR. p. 361-374.

CORDEIRO, Helena K. (1993). "A Cidade Mundial de São Paulo e o Complexo Corporativo do seu Centro Metropolitano". *In:* ANPUR, Fim de Século e Globalização. São Paulo, Hucitec/ANPUR.

EMPLASA (1994). *A Natureza Recente da Centralidade da Região Metropolitana de São Paulo***.** São Paulo, EMPLASA, mimeo.

DEDECCA, C.S. e BALTAR, P.E. *Precariedade ocupacional e relações de trabalho no Brasil nos anos 90.* Trabalho apresentado no XXI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia, São Paulo, 1997.

DIEESE (2001). *Mercado de Trabalho no Brasil.* Disponível em: http://www.dieese.org.br/esp/mercadodetrabalho.pdf, consultado em 5 de julho de 2010.

FUNDAÇÃO SEADE/DIEESE. *Pesquisa de emprego e desemprego*. São Paulo. Disponível em: <http://www.seade.gov.br>.

_____. Mercado de Trabalho – RMSP- 2013. PED – Região Metropolitana de São Paulo. São Paulo. Disponível em: <http://www.seade.gov.br>

_____. Mercado de Trabalho – RMSP- 2014. PED – Região Metropolitana de São Paulo. São Paulo. Disponível em: <http://www.seade.gov.br>

MONTALI, Lilia (2009). "Os impactos da precarização do trabalho e do desemprego sobre as famílias". In: BÓGUS, Lúcia M. M. e PASTERNAK, Suzana (orgs). *Como Anda São Paulo*. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora: Observatório das Metrópoles, p. 175-202.

PACHECO, Carlos A. (1992). "A terciarização dos 80: de tudo um pouco". *São Paulo em Perspectiva***,** São Paulo, Fundação SEADE, 6(3): 27-38.

PERES, C. L, HUERTAS NETO, M., SERRAO, R. S. (2009). *50 anos de luta dos trabalhadores por reajustes salariais***.** Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional da ABET, Campinas.

POCHMANN, M (2014) "Brasil: segunda grande transformação no trabalho? São Paulo, *Estudos Avançados 28 (81)*: 23-38

POCHMANN, M. *Inserção ocupacional e o emprego dos jovens*. Coleção ABET – Mercado de trabalho, São Paulo, ABET, v. 6, 1998.